

GINÁSIO SOBRALENSE E COLÉGIO SANTANA: A EDUCAÇÃO MASCULINA E FEMININA¹

Aline Monteiro Alves

Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará — UFC, graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú — UVA
E-mail: aline_cienciassociais@yahoo.com.br

Introdução

O presente trabalho tem como objeto um aspecto mais específico da cultura escolar, que é a educação dual em termos de gênero. As duas instituições aqui analisadas têm a sua relevância por constituírem os únicos locais, que durante um longo período ofereceram o ensino secundário em Sobral, e por onde passaram nossos entrevistados, em sua vida escolar, escolas essas de caráter confessional — Colégio Santana e Ginásio Sobralense, pertencentes a Igreja Católica. Em Sobral, dada a forte influência da Igreja, muitos de nossos interlocutores foram educados por religiosos, ou estudaram em colégios que estavam sob comando de congregações religiosas²,

¹ O presente trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado da autora, que se encontra em desenvolvimento no programa de pós-graduação da em Sociologia da UFC, denominada “Dor Lar às salas de aula: a construção social da feminização do magistério em Sobral/CE”.

² Conforme Perosa (2007) a chegada de congregações religiosas no Brasil se intensificou no início do século XX, “como consequência da institucionalização da escola republicana na Europa e da supressão de muitas escolas confessionais na maioria dos países europeus ocidentais” (PEROSA, 2007, p.25). Aqui tais congregações encontram espaço livre para sua atuação, e fundam vários colégios particulares por todo país.

como é o caso do Patronato Imaculada Conceição, Educandário São José e a Escola Sagrado Coração de Jesus, dentre outros. Alice³ em seu relato observa que “devemos a nossa educação à Igreja [...] aos padres que foram nossos primeiros professores. Deles aprendemos tudo o que sabemos, e o que ensinamos aos nossos alunos⁴”.

Segundo Mota (2009), no século XX a Igreja atuará no vácuo até então deixado com relação à instrução pós-primário, intensificando sua ação educacional nesse nível de ensino, sob a emblemática figura de Dom José Tupinambá da Frota, Bispo Conde da Diocese de Sobral, que investiu durante décadas na área educacional da cidade, como objeto do projeto missionário da Igreja.

Vale ressaltar que a maioria dos educadores no Brasil durante um período considerável foram padres e freiras, em função da carência de pessoas leigas habilitadas para a prática do ensino, e pelo fato da educação fazer parte da missão da Igreja. Deste modo, a educação apregoada pelos religiosos ligava-se ao aspecto moral, disciplinador e ascético da religião católica. Destaca-se, que esse ensino era estruturado nos moldes religiosos. No Brasil, um exemplo dessa educação fora a prática pedagógica dos jesuítas. Segundo Perosa (2006), os colégios católicos entre fins do século XIX e início do século XX passam a ser os redutos da formação da elite brasileira.

Esse modelo dual de educação advém desde os tempos do Brasil Império como consta na Lei Imperial de 1824, em

³ Os nomes utilizados nesse artigo são fictícios, para proteger os interlocutores.

⁴ Alice Carvalho Gomes, em entrevista realizada no dia 27 de agosto de 2008.

seu sexto artigo, que previa a criação de escolas para meninos e para meninas, com o ensino primário⁵. Nesse período, nos programas curriculares os meninos aprendiam a ler, escrever, as quatro operações matemáticas, noções de aritmética, geometria, gramática e os princípios da moral cristã e da doutrina da religião católica. Já nas escolas para as meninas, elas seriam ensinadas pelas mestras, não receberiam noções de geometria, somente aprenderiam as quatro operações matemáticas e aprendiam a ler. Além disso, elas deveriam dedicar-se às prendas domésticas, como aprender a cozinhar, a costurar, bordar etc. (OLINDA, 2004, p. 19-18). Observa-se que, por mais que o Estado tenha tomado conta da instrução pública, o ensino religioso ainda se encontrava incluído nos currículos escolares. Assim, verifiquemos como funcionavam essas duas instituições o Ginásio Sobralense e o Colégio Santana, mais especificamente.

A Escola para Meninos e a Escola para Meninas

O colégio Sobralense foi fundado em primeiro de fevereiro de 1934, pelo então Bispo da Diocese, Dom José Tupinambá da Frota, no prédio do colégio que funcionava no Bairro Betânia, ao lado do Seminário Diocesano, tendo como primeiro diretor, o Padre Aloísio Pinto. Esse estabelecimento era destinado ao ensino dos meninos, em regime de internato, semi-internato e externato.

⁵ O ensino primário correspondia, então, à primeira etapa do ensino fundamental, hoje, na época conhecido também como ensino das primeiras letras.

O colégio Santana foi fundado em dois (2) de fevereiro de 1934, pelo Bispo Dom José Tupinambá da Frota. Localizado na Avenida Senador Paulo Pessoa, atualmente Av. Dom José, funcionando na antiga residência episcopal. A sua direção foi delegada à Congregação das Filhas de Santa Ana⁶. Este estabelecimento recebia somente meninas e funcionava em regime de internato e externato.

Segundo Araújo (2005), estas instituições, fundadas por Dom José, tinham a finalidade de suprir o ensino secundário, até então “inexistente” em Sobral. Vale salientar, que essas escolas pertenciam à Diocese de Sobral, à época. Assim, poderíamos inferir que essa educação era destinada à “classe abastada” da cidade. Como ressalta Monte Frota (2009), “[...] o colégio era o orgulho dos alunos, a gente se orgulhava de ser aluno, porque demonstrava uma certa vantagem, que para muitos quem não estudava neste colégio não vinha de boa raça” (MONTE FROTA, 2009, p.93). Assim, estudar nessas escolas era sinônimo de “distinção” social, pois o que se visa produzir é a diferenciação de classe na estrutura social: “a escola além da instrução, está encarregada de inculcar valores e atitudes nos alunos responsáveis tanto pela formação de automatismos intelectuais de base, como pela construção da percepção que o indivíduo forma de si na confrontação com os outros” (PEROSA, 2006, p.89).

⁶ A referida congregação foi fundada em 1866 na Itália por Rosa Gattorno, a qual foi beatificada pelo Papa João Paulo II, em 09 de abril de 2000. Atualmente a congregação tem missões espalhadas por alguns países como na Bolívia, Brasil, Chile, Peru, França, Espanha e Itália. As Escolas Filhas de Santa Ana no Brasil tem como missão educar e evangelizar para formação humana e cristã na ética do carisma e espiritualidade da Beata Madre Rosa Gattorno. Fonte: <http://www.santanavirtual.com.br/orientacao-religiosa.html>

Vale salientar, que a imagem que a sociedade ocidental atrelava ao feminino era vinculada a características tais como sensibilidade, ao que é delicado, doce, frágil, opondo-se à representação do que é masculino, caracterizado pela força, racionalidade e virilidade. Desse modo, durante muito tempo, o acesso ao saber foi negado às mulheres, pois ele era contrário a feminilidade. “Como é sagrado, o saber é o apátrio de Deus e do Homem, seu representante sobre a terra” (PERROT, 2008, p.91). O acesso da mulher à educação se deu na era moderna, muito mais tarde que os homens e, quando ingressa na escolarização, “o faz em um sistema diferente criado para ela, segregado dos homens” (SACRISTÁN, 2005, p.126). Na Europa a educação para mulheres torna-se prática corrente somente no final do século XVIII, nota-se que a função da mulher se restringia ao âmbito privado do lar. Assim, não podemos pensar na educação das mulheres comparando-a com a dos homens (ARIÈS, 1981; VEIGA, 2007).

Para adentrar a diferenciação de gênero, na forma de inculcar os diferentes modelos de ser: homem e mulher, vamos passar a descrever as rotinas das duas escolas. O rigor da disciplina nessa instituição lembra a rotina existente nos quartéis. O colégio Santana, funcionava em regime de externato e internato. Para as internas, o dia começava cedo, às cinco da manhã elas deveriam estar no banho, após passavam por uma revista, para checar fardamento e limpeza; às seis se dirigiam a capela do colégio onde assistiam a missa, após tomavam café e as que estudassem pela manhã se encaminhavam para as salas, já as internas que estudavam a tarde deveriam ir à sala de estudo

para fazer as tarefas escolares. As internas não tinham permissão para sair do colégio, nem para namorar, à noite elas “[...] se recolhiam, elas tinham uma leitura de seis às oito da noite, e a noite todas recolhiam, elas iam pra missa jantavam, aí elas ficavam no pátio do colégio junto com as irmãs, de seis as oito, aí elas conversavam⁷”. As internas só saíam do colégio sob a supervisão das irmãs e na maioria das vezes por ocasião de festas religiosas, como procissões e eventos comemorativos da semana santa. Eliana prossegue enfatizando que “existia cinema na cidade, mas não era permitido às internas, mesmo as de filhas de pais pagantes, freqüentarem. Não se podia namorar, muito menos sair à noite⁸”.

Eliana nos descreve como era a farda e como se dava a rotina das externas. Funcionava da seguinte maneira,

A farda do colégio dessa época era vermelha de lã, blusa bege da manga comprida, só se usava manga comprida. O colégio não aceitava aluno se a manga não fosse comprida. A saia tinha que ser extensa quatro dedos antes de terminar perna. Só via o fino da perna. E elas colocavam e era medido pelas freiras ao você entrar. Só entrava de sutiã ou combinação. Você tinha que ter uma roupa consistente por dentro porque era examinado pelas freiras. A porta do colégio Santana era aberta as 6 e meia da manhã, e quando os alunos chegavam, as meninas chegavam. Tinha três freiras na porta para examinar se a sua saia tava naquele comprimento. As meninas faziam bainhas elas desmanchavam, na hora elas arrancavam as linhas e a bainha

⁷ Alice Carvalho Gomes, em entrevista realizada no dia 27 de agosto de 2008.

⁸ Eliana Frota Linhares, em entrevista realizada no dia 14 de agosto de 2008.

tinha que baixar. Para a gente entrar na escola, agente era fiscalizada, as crianças menos, porque quem recebia a repreensão das crianças eram as mães, quando as crianças vinham, por exemplo, se o uniforme não tivesse correto, né? No primário quem recebia a repreensão eram as mães, elas chamavam as mães e diziam: se você trazer sua criança amanhã com esse fardamento ela não entrará ⁹.

No que concerne ao fardamento no Colégio Santana como também no Ginásio Sobralense,¹⁰ se tinha duas fardas: uma para a rotina e a outra para os eventos religiosos e do colégio, conhecida como a farda de gala. Os uniformes funcionavam também como uma forma de distinção social. O saber controlar a exposição do corpo era uma dimensão importante da socialização escolar. Notava-se nas entradas e saídas da escola, como em solenidades a homogeneidade social, “luxo” e distinção (PEROSA, 2006).

Sobre o rigor dos horários, os atrasos não eram tolerados em ambas escolas, e se o mesmo ocorresse, os pais deveriam mandar anotado na caderneta a justificativa sobre o atraso do aluno, mas, isso dentro da tolerância de quinze minutos, então depois das sete e quinze da manhã os alunos

⁹ Eliana Frota Linhares, em entrevista realizada no dia 14 de agosto de 2008.

¹⁰ Conforme descreve Monte Frota (2009) no Ginásio Sobralense existiam duas fardas, “uma para o diário e outra de gala. Para o diário era um cáqui roxo [...] túnica tinha sete botões, também tinha um quepe da mesma cor, ou casquete; e tinha um emblema do colégio que se colocava na lapela da túnica ou no quepe [...] A farda de gala, era de um branco muito bonito [...] A túnica tinha botões dourados, em alto relevo com uma estrela, gravata preta com um cinto azul com uma fivela em alto relevo, e o quepe era branco” (MONTE FROTA, 2009, p.93).

eram proibidos de entrar. Era nessa caderneta que se registrava as notas dos alunos.

Segundo Lustosa da Costa (2004), era proibido a entrada de homens no Colégio Santana, com exceção para padres e professores mais velhos

A proibição era tão rígida que, num determinado carnaval, a rapaziada, só de brincadeira, bateu à porta do estabelecimento, anunciando encomenda. Quando a freira abriu a porta, jogaram no interior do colégio um surrão de palha de carnaúba, onde estava Zé Monte (COSTA, 1987, p. 31).

Maria Imaculada descreve um fato sobre o uso do batom: as meninas colocavam umas flores que tinha nos jardins do colégio e que pareciam com uma boca, “elas colocavam na boca. Aí quando a mestra que era encarregada da disciplina ia olhar ‘menina tu tá de batom!’– tô não mestra é flor. Aí tirava”¹¹. Ela relata que uma vez elas ficaram de castigo na escola até mais tarde

Uma vez, tinha umas mestras enjoadas. Como no Colégio Santana só estudava mulher e no Sobralense só estudava homem, os meninos do Sobralense saiam ficavam na esquina e a gente estudava em cima, aí eles jogavam bombom pra gente. Pra fazer raiva as mestras né? E uma vez nós ficamos de castigo lá até sete horas da noite, mas de castigo mesmo. E na minha classe tinha uma menina que tinha sido Miss Ceará, aí o que ela fez rasgou a blusa que era de manga comprida, ras-

¹¹ Maria Imaculada Dias, em entrevista realizada no dia 22 de fevereiro de 2011.

gou aqui a manga todinha, botou aqui pra dentro, fez uma blusa sem manga. Pegou a saia e botava aqui dentro da calça, porque não era calçinha era calção mesmo. Botou as carteiras assim e aí ficou desfilar. Olhe mas, quando essa mestra chegou na porta que viu isso aí pronto aumentou o castigo mais ainda, aí ficamos até sete horas da noite na escola¹². (sic)

Fabiana e Maria Imaculada lembram que no colégio Santana era comum os retiros nos finais de semana, onde as externas também passavam o fim de semana na escola, com o objetivo de orientar espiritualmente as meninas. Conforme Maria Imaculada, o que as alunas liam também era rigorosamente fiscalizado, entretanto, as alunas conseguiam desenvolver táticas para ter acesso a esses materiais. No *Ratium Studiorum*, consta de um artigo que versa sobre a proibição de livros inconvenientes, no qual ele orienta os professores para a não utilização desses livros que não servissem de exemplo para uma boa formação moral dos alunos, pois eles poderiam ser prejudiciais à honestidade e aos bons costumes, “enquanto não forem expurgados dos fatos e palavras inconvenientes; — e se de todo não puderem ser expurgados, é preferível que não se leiam para que a natureza do contendo não ofenda a pureza da alma”(Ratium Studiorum apud LIMA, 2008).

Todas as interlocutoras ressaltam o quanto elas estavam sempre sendo vigiadas pelas irmãs, havia grande ênfase na ordem e na disciplina e as mestras eram rigorosas, o corpo no Santana era interdito de várias formas, como no uso do ba-

¹² Maria Imaculada Dias, em entrevista realizada no dia 22 de fevereiro de 2011.

tom, no comprimento da saia, na forma de falar, de se portar, dentre outros. Mas, atesta-se a existência da transgressão de algumas alunas, fatos sempre narrados pelos entrevistados. Assim sendo, todos esses casos citados eram passíveis de punição, ou no mínimo de repreensão (DURKHEIM, 2008). O autor prossegue enfatizando o caráter moral e reparador que a pena possui: “O que importa não é que a criança sofra; importa que o ato seja energeticamente reprovado” (DURKHEIM, 2008, p.165). Destarte, é o caráter de condenação da conduta que possui o atributo de reparação.

O Colégio Santana possuía um curso doméstico e um curso normal. Segundo Ana Clara¹³, o curso doméstico permaneceu ativo, em média dez anos. As disciplinas dispostas nesse curso incluíam agricultura, aprender a costurar, bordar, regras de civilidade, como também aprender a ler, as noções básicas de matemática, ensino religioso e francês.

A questão da diferenciação educacional de gênero era um valor inerente a própria sociedade, à época, constando de uma característica das sociedades patriarcais. Maria Lais relata sobre como a sua educação familiar fora diferente da dos seus irmãos do sexo masculino, destacando que a mesma se destinava predominantemente para o casamento, fato que fez com que ela lutasse para que seu pai lhe concedesse permissão para estudar, recebendo a mesma ajuda de familiares para convencer seu pai da importância dos seus estudos. Seu pai julgava a vida de esposa incompatível com estudos. Vejamos,

¹³ Ana Clara da Costa, em entrevista realizada no dia 22 de janeiro de 2009.

Eu estava cursando o último ano ginasial, mas, eu conheci um rapaz. Como moça que foi pedida em casamento, quando foi no outro dia, quando tava fazendo a última trança para ir pro colégio Santana. Mamãe me perguntou: para onde é que você vai? — Para o Colégio Santana. — Vai não. Seu pai disse que troque a roupa, vá vesti um vestido de casa e vai é cozinhar, por que quem vai casar precisa aprender a cozinhar. Não deixou mais eu estudar. E na época as freiras não aceitavam mulher casada estudando¹⁴.

O curso doméstico no Santana funcionava em tempo integral e tinha como objetivo formar boas esposas e mães. Assim, a maneira como o currículo e as disciplinas são dispostas pode ser pensada como dispositivo de controle social. Nota-se que a educação feminina não era voltada para o mercado de trabalho e sim para a vida do lar. Raquel discorre sobre a educação que sua mãe recebera em uma escola doméstica, onde a ênfase era na formação de uma mulher de sociedade, um prima dona, uma boa esposa e mãe. Ela ressalta que estudar na escola doméstica era como uma preparação para o matrimônio.

Entretanto, a educação feminina na primeira metade do século XX também foi voltada para o exercício do magistério. As mulheres buscavam escolas que ensiassem além das prendas domésticas, o interesse para a formação no magistério. É nesse período que há uma expansão da educação e a feminização do magistério. Sacristán (2005) é enfático ao dizer que a feminização do magistério também se constituía em uma forma de segregar a mulher, já que “no caso de se-

¹⁴ Maria Lais Silva, em entrevista realizada no dia 13 de janeiro de 2009.

rem as mulheres docentes as que assumem e reproduzem seu papel tradicional de ‘mãe cuidadora’ no tratamento com os alunos” (SACRISTÁN, 2005, p.126). Verifica que a educação, principalmente das primeiras letras está ligada à doçura e a maternidade da mulher que sabe lidar com as crianças como se fossem seus filhos. Fato que se examina no número de mulheres entrevistadas, na presente pesquisa.

O colégio Santana também dispunha do ensino normal, que, à época, era a única profissão identificada com a mulher. Todas as depoentes enfatizam que até se formarem no ensino normal só estudaram com mulheres. O normal era identificado com a mulher e o científico com o homem. Em Sobral, os “nossos médicos e engenheiros são a maioria deles homens e iam estudar fora. Às mulheres restava ser professora, casar, cuidar de menino, ser catequista [...] formar-se no Normal para as mulheres já era grande coisa.”¹⁵

Há uma estreita relação da educação feminina com o modelo de formação religiosa. As primeiras escolas voltadas para esse fim pertenciam a congregações religiosas, “[...] que possuíam como missão formar mulheres” (MAGALHÃES JÚNIOR, 2002, p.78). Esse modelo era baseado em “[...] preceitos moralistas, procurava-se modelar comportamentos, uma educação que servia para manter um modelo social baseado em uma patente diferenciação de comportamentos para os sexos opostos.” (MAGALHÃES JÚNIOR, 2002, p.78). Nesse sentido, sendo a formação cristã a estrutura de toda a educação feminina, os comportamentos eram mode-

¹⁵ Maria Lais Silva, em entrevista realizada no dia 13 de janeiro de 2009.

lados, tomando como suporte a figura mariana como exemplo a ser seguido.

Quanto ao Colégio Sobralense, nota-se que, em relação ao rigor do horário, a disciplina e a normatização dos espaços é semelhante ao colégio descrito anteriormente. Até mesmo, quando nos referimos à instrução religiosa. A maior diferença notada aqui é com relação ao currículo dos alunos. Havia uma ênfase no conhecimento científico e filosófico, onde os homens eram formados para as profissões liberais, assim eles estudavam química, física, geometria, matemática, português, latim, geografia, história, educação física e religião.

No colégio Santana não se tem fotos com relatos de castigos mais enérgicos sobre o corpo, já no Ginásio Sobralense, tem-se registros que o diretor em um dia surrou um dos alunos com seu cinto por causa de uma traquinice. Esse fato é tão emblemático que vários dos nossos interlocutores se remetem a ele. Bárbara nos descreve o fato que ocorrera com seu irmão,

O meu irmão do meio estudava no colégio Sobralense, a turma dele era meio rebelde. E eles montaram contra um professor uma situação onde botavam aquelas espiral de espantar mosquito, dentro da mesa, na mesa do professor, era uma mesa com uma gaveta, botaram dentro e uma bomba rasga-lata no final pra quando terminasse de queimar a espiral papocava a bomba. E o responsável para contar o tempo que levaria para este evento era meu irmão. Aí então, todo mundo assistindo a aula mas, a cabeça era na gaveta, e ele aqui né? E aí bum! Uma bomba rasga-lata né? Não teve dano, não feriu ninguém, a mesa era fornida. E a bomba era rasga-

-lata. Monsenhor Aluísio atravessou a quadra do colégio todinha veio pegar, e pegou os possíveis responsáveis que já sabia quem era né? E levou. Nisso levantou a batinha, pegou o cinturão e papocou, a mamãe numa sala soube da história. Monsenhor Aluísio mandou chamar a mamãe né? E a mamãe chegou lá e monsenhor Aluísio já imaginando que a mamãe ia deixar a disciplina tirar os filhos do colégio, e seria um escândalo para o Sobralense. E a mamãe disse: Monsenhor eu vim lhe agradecer, o senhor está me ajudando a educar meu filho. O meu irmão ficou com ódio, porque pensou em ter todo o apoio da mãe e teve foi uma reprimenda¹⁶.

Como podemos perceber, tais dispositivos disciplinares eram legitimados perante as famílias e a própria sociedade, que aceitavam, de uma maneira geral, os castigos e punições aplicados pelos professores nas escolas como práticas educativas.

Quando nos referimos ao ensino de educação física Monte Frota (2009), ao descrever o espaço do Colégio Sobralense relata “no centro tinha um campo para esportes, vôlei, basquete etc. Do lado de fora, na frente, havia um campo de futebol.” (MONTE FROTA, 2009, p.93), sendo esses os locais que se praticavam o exercício físico no Sobralense. Fato que não consta na educação das meninas do Santana que relatam que não existia a educação física no currículo, e o que no máximo ocorria eram as recreações, que se davam no momento do intervalo.

¹⁶ Bárbara Pereira Nascimento, em entrevista realizada no dia 02 de fevereiro de 2011.

Um dos depoentes ressalta que os homens quando optavam pela carreira liberal, ao terminarem o curso secundário se deslocavam para a capital a fim de ingressar no curso superior. Geralmente as carreiras mais “disputadas” eram o direito, a medicina e a engenharia. Os outros, que não queriam seguir a carreira liberal, entravam no seminário, para formarem-se padres. Era comum muitos dos cursistas ingressarem no seminário. As alunas do Santana não tinham essa possibilidade de prolongamento da vida estudantil, assim, elas ficavam presas ou relegadas somente ao ensino secundário normal.

Considerações Finais

Nesse período, verifica-se a dualidade educacional em termos de gênero, destacando o papel desempenhado, nesse sentido, por duas instituições escolares, uma destinada ao ensino feminino e a outra a educação masculina, respectivamente o Colégio Santana e o Ginásio Sobralense. Constatou-se que, nessa época, existiam dois códigos a serem seguidos, um correspondente ao padrão feminino e outro ao masculino. Essa educação recebida dentro dessas duas instituições estava fortemente atrelada ao pensamento e doutrina da Igreja Católica, ou seja, seu projeto missionário, num período histórico que a educação no Brasil, de uma maneira geral se desenvolvia rumo a secularização, contribuindo, assim, a igreja, para reforçar aspectos mais tradicionais na educação e contribuir para a formação de uma geração nesse sentido.

Se a escola, a família, e os meios sociais em que a criança vive são responsáveis pelo processo de inserção e socialização do indivíduo no seu meio, como pontuou Durkheim (1983), temos que a educação é tratada como um instrumento imprescindível nesse propósito, razão pela qual as consciências se tornam inerentes ao uso do corpo, moldando-se ao seu meio. A escola torna-se uma instituição moralizante de onde emanam modelos e regras a serem seguidos e os dispositivos de manutenção dessas normas “sociais” são os disciplinamentos morais e corporais.

Referências

- ARAÚJO, Pe. Francisco Sadoc de. “Os passos da educação”. In. *Origens da Cultura Sobralense*. Sobral: Imprensa Universitária-UVA, 2005.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981.
- DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. São Paulo, Melhoramentos, 1983.
- _____. *A Educação Moral*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Sociologia)
- FROTA, D. José Tupinambá da Frota. *História de Sobral*. 3 ed. Fortaleza: IOCE, 1995.
- JARDIM, Denise Fagundes. Performances, reprodução e produção dos corpos masculinos. In.: LEAL, Ondina Fachel

(org.). *Corpo e significado: Ensaios de Antropologia Social*. Porto Alegre: UFRGS, 1995, p.189-201.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In. *Revista Brasileira*

de História da Educação, n. 1, p. 9-44, jan./jun. 2001.

LIMA, Daniela Fernanda Cardozo Forster. *O homem segundo o Ratio Studiorum*. Dissertação de mestrado. Piracicaba, SP: Universidade Metodista de Piracicaba, 2008.

COSTA, Lustosa da. *Clero, Nobreza e Povo de Sobral*. Fortaleza, ABC editora, 2004.

MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Germano. DE EVA A MARIA: os ideais de formação católica feminina na primeira metade do século XX no Brasil. In. Maria Juraci Maia Cavalcante; et al. *História e Memória da Educação no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002. 300 p.

MAUSS, Marcell. As técnicas do corpo. In.: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p.399-422.

MONTE FROTA, Raimundo. *Sobral — minha família, minha vida*. Sobral: Secretária de Cultura de Sobral/Imprensa Municipal, 2009.

MOTA, Francisco Alencar. *Cultura Escolar e Práticas Cotidianas: Memória Educacional Através de Narrativas de Histórias de Vida*. Pós-Doutorado em Cultura Contemporânea (Relatório Técnico). Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ, Julho de 2009.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. *Tinta, papel e palmatória: a escola no Ceará do século XIX*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004. 112 p. Coleção Outras Histórias, 24.

PEROSA, Graziela Serroni. Família e Escola na Socialização de Meninas. In. *Caderno CRH*, Salvador: Centro de Recursos Humanos/UFBa, 2007.

_____. Aprendizagem das diferenças sociais: classe, gênero e corpo em uma escola para meninas. In. *Cadernos Pagu* [on line], 2006, n. 26, p. 87-111. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30387.pdf>>. Acesso em dezembro de 2010.

SACRISTÁN, José Gimeno. *O Aluno Como Invenção*. Porto Alegre: ArtMed, 2005.

VEIGA, Cyntia Greive. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007.